

A stylized, high-contrast illustration of a woman's profile in white against a red background. Her hair is depicted with elegant, flowing curls. A small, white, five-petaled flower with a yellow center is positioned on her cheek. The overall aesthetic is clean and artistic.

Tecendo Poemas

VOL. VII

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores

Projeto editorial por Ademir Pascale

**Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores**

Obra protegida por direitos autorais

Este e-book é parte integrante

da Revista Conexão Literatura

ISBN: 978-65-01-35489-7

2025

Patrocínio:

www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

- AH, SE EU SOUBESSE..., POR CISTENA DE LUZES, PÁG. 05
VINHOS TONTOS, POR CISTENA DE LUZES, PÁG. 08
SUPREMO DIVÃ, POR CISTENA DE LUZES, PÁG. 10
SAUDADES DA MINHA TERRA, POR CLAUDIO DE JESUS, PÁG. 13
FUI PRO AR, PERDI O LUGAR, POR CLAUDIO DE JESUS, PÁG. 15
AVIÕES, POR CLAUDIO DE JESUS, PÁG. 17
O ORGULHO DA FAMÍLIA, POR CLAUDIO DE JESUS, PÁG. 19
TEREZINHA, POR CLAUDIO DE JESUS, PÁG. 21
LÁGRIMAS, POR DEBORA GUELMANN, PÁG. 23
LAÇADAS DE SUPERAÇÃO, POR EDNÉIA FELISBINO AMANDIO, PÁG. 25
TÁVOLA DOS LÍRIOS AZUIS, PÁG. 27
SEXTA-FEIRA DA PAIXÃO, POR JOÃO VITOR PELISARI FERREIRA, PÁG. 33
SEMBLANTE, POR JOÃO VITOR PELISARI FERREIRA, PÁG. 35
SAUDADE, POR LEANDRO COLBERT, PÁG. 37
O HOMEM DAS CAVERNAS, POR LUIZ OTÁVIO D. PINHEIRO, PÁG. 39
LEMBRANÇAS, POR LUIZ OTÁVIO D. PINHEIRO, PÁG. 41
SOMOS TODOS CULPADOS, POR SELMA LUANNY, PÁG. 43
AO ALCANCE DA MÃO, POR SELMA LUANNY, PÁG. 46
DIMENSÕES, POR SELMA LUANNY, PÁG. 48
LAMA E PRECONCEITO, POR SELMA LUANNY, PÁG. 50
SONETO DA ALVORADA, POR SÉRGIO DE MEDEIROS RASSELE, PÁG. 52
AMOR EM SONHOS, POR SÉRGIO DE MEDEIROS RASSELE, PÁG. 54
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 56

Tecendo Poemas



VOL. VII

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE



A P R E S E N T A M O S O
P O E M A

Ah, se eu Soubesse...

Por Cisterna de Luzes

O autor é nascido e residente em Jaguarão, Rio Grande do Sul. É titular da cadeira 26 da Academia Pelotense de Letras e titular da cadeira 145 da Academia Brasileira Rotária de Letras. Agrônomo, Economista e Advogado (OAB 13339). Já publicou 15 livros. Colaborador de crônicas em jornais, escreve filosofias poéticas, contempladas em diversos gêneros literários.

Ah, se eu soubesse da calma que aquece. Ah, se eu soubesse da pausa que refresca... Se eu soubesse da pausa que desliza e da sombra que (me) ameniza. . . **Se eu soubesse da dor que se esquece.** . . e da saudade do vento do meu alento.

Tudo isso seria sotavento no barlavento dos meus poemas mais ufanados nas velas das melhores conquistas dos meus idealistas.

Mas a dor é solerte e pode ser a tua pior peste.

Canivete assassino que se insinua por entre as frinchas das tuas ruas . . .

Ah, se eu soubesse da calma que me aquece e se eu me lembrasse da dor que se esquece...

Se eu pusesse oratórios dentro das pequenas câmaras internas dos meus suspensórios de desilusões.

Dentro destes repartimentos, consolatórios de gavetas nos meus armários embutidos... sentidos, sofridos, consentidos quando os abri, e aí, lá, eu me pus como interrogatório próprio das exclamações das minhas escondidas desilusões...

Ah, se eu já soubesse onde me enfurnei quando no meu armário me descompus em lágrimas perdidas atadas em trancas molhadas...

Se isso ou isto eu soubesse, hoje eu não me chamaria de dentro de mim, assim, assim mesmo, quando me contorço e me esforço...

Se eu soubesse já de antemão o que eu esconderia em minha mão e... onde isto ou isso eu poria no meu armário do meu salão... o meu esquilo ou lobo marinho não estaria a **gritar nas grotas dos meus escaninhos...**

Mas, direi eu ou dirão vocês: lá, lá ou aqui, antes ou depois, teu rosário de tristezas escolhidas foram por ti perdidas de propósito, proposital desilusão enterrada no fundo do teu caixão... da tua gaveta, do teu armário, do teu desarranjo vivencial onde pensas que sufocas teus escondidos roseirais...

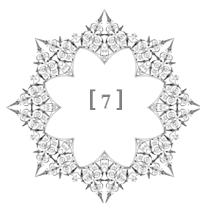
Quando a mão mergulhei e eu os achei, a alegria deles, perdidos ais, a alegria delas, malditas donzelas, abraçaram-me com o carinho de quem retornara à sua antiga canção... de tristezas enroladas para serem muito bem ali guardadas...

Ah, se eu soubesse da calma que aquece... ah, se eu soubesse da pausa que desliza... ah, se eu soubesse da paz que ameniza...

Aí, aí sim, eu abriria minhas **gavetas nos furos dos meus canteiros de porcos-espinhos, tirando todas as fezes dos ratos escondidos nas malas e maletas dos**

meus quartos embutidos... **na minha casa de solidão e na minha gaveta escura de grito enrustido...**

Mas o poeta triste tem na tristeza a sua própria fortaleza e dela faz, quando se refaz, um hino de imagens que procuram molduras para suas próprias sepulturas.





A P R E S E N T A M O S O
P O E M A

Vinhos tontos

Por Cisterna de Luzes

O autor é nascido e residente em Jaguarão, Rio Grande do Sul. É titular da cadeira 26 da Academia Pelotense de Letras e titular da cadeira 145 da Academia Brasileira Rotária de Letras. Agrônomo, Economista e Advogado (OAB 13339). Já publicou 15 livros. Colaborador de crônicas em jornais, escreve filosofias poéticas, contempladas em diversos gêneros literários.

“Vinhos tontos”, que contos tens para me contar? Tendes ou tens, no singular ou no teu melhor plural?

“Vinhos tontos”, embebecidos, entontecidos, em que tonéis ou vergéis puseste as tuas rolhas abandonadas?

Em que garrafas esvaziadas, atiradas nas sarjetas das tuas ruas despedaçadas?

De onde surgiste quando abandonaste teu útero vazio de tinto vinho da tintura dos “grãos do eterno Semeador”?

Fugiste ou te atiraram como “vinhos tontos”, bandos devolutos devolvidos das uvas extraviadas?

Confusas, difusas, dos parreirais, dependuradas?

Caíste ou surgiste como “por enquanto” dos cantos dos meus desencantos?

Vinhos tintos me são não muito aborrecidos quando estão muito tontos...

O ébrio deveria ser eu, mas eu, em melancolia de desprezo, não posso nem sua azia beber em falta de moderação no timão da bússola que não tenho em minha mão.

Eles, os vinhos tontos, **tintos aborrecidos**, serpeiam e serpenteiam por minhas faces de vincos graves e de tons das máculas das mazelas das estrias que sugam minha alegria dos meus tristes dias?

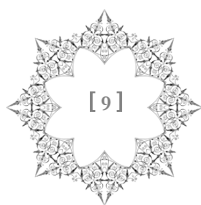
Serão eles, os vinhos tontos, tintos além da deserção em meu salão?

Se eles, os vinhos, são tontos e aborrecidos, *parecidos comigo*, como me embebedarei ou me embebedaria na porfia deste dia em que eles me chegam de mansinho e nem me assassinam assim, assim mesmo, em passadas, devagarinho, **desvarios que não se me chegam, porque se eles estão tontos ou aborrecidos comigo, como me embebedarei nesta minha garrafa que mais parece emborcada do que de vômito emporcalhada?**

Mas deve ser assim mesmo para o homem que persiste na onda da procura do seu padecer... algum dia, isso ou isto iria lhe acontecer...

De tanto beber este mosto em que me digiro a mim mesmo, o meu tinto companheiro bebeu para tanto me esquecer.

E ele, agora nesta hora, **bêbedo de si mesmo**, chegou-me tonto afim de que me desperte deste pesadelo **onde me enrolei e me enrodilhei como alma de vinho quietada e apertada.**





A P R E S E N T A M O S O
P O E M A

Supremo Divã

Por Cisterna de Luzes

O autor é nascido e residente em Jaguarão, Rio Grande do Sul. É titular da cadeira 26 da Academia Pelotense de Letras e titular da cadeira 145 da Academia Brasileira Rotária de Letras. Agrônomo, Economista e Advogado (OAB 13339). Já publicou 15 livros. Colaborador de crônicas em jornais, escreve filosofias poéticas, contempladas em diversos gêneros literários.

Perfume Sagrado é o manto desdobrado, qual passarela insigne do incontido assinalamento dos mortais desígnios, memo depois que as assinalações, já fenecidas, espoucarem aos pensamentos dos divãs. Psicanalistas? Que são, senão pequenos opúsculos escondidos nas páginas das passageiras ilusões? Desconhecem, eles mesmos, duvidam, eles mesmos, dos mesmos duvidares e dos mesmos desconhecimentos daqueles que, adoentados d'almas, arquejam, aos seus pés, das compulsivas dores.

O Psicanalista Maior é o Mestre Verdadeiro. Estais doente, sempre que escapardes dos caminhos do Caminho, da Verdade e da Vida.

Dentro do Caminho, a Verdade da Vida e a Vida da Verdade, sendeiros das prospecções indagativas, quais cauterizações dos males dos perdidos e que descambaram nas ribanceiras, ao voltarem à Suprema Trilha, soldarão os frangalhos da alma que chora. Chora porque, qual bezerro desgarrado da mãe que aleita, precisa beber do branco mel do Supremo Alimento.

Ao acalanto dos bálsamos do Caminho, reerguendo ao Alto a pequenez desvairada, Supremo Divã será a Maior e Mais Impoluta Restauração.

A alma, aí sim, aquietada no cobertor da Suprema Cobertura, na aquietação da agitação, qual singela guarida, mas decisiva guarnecida, dormitará no quietume do bem estar que não quer outro senão o de aí ficar.

Voltou a energia para a Energia, de onde um dia se desprendera. Agora, aquietada, nessa Sublime Morada, o calor do suave torpor é o final faiscamento do inicial destinamento.

Alma agora aquietada,
Da procura atormentada,
Pelos perdidos meandros divagantes,
Nas desmantelações dos percursos itinerantes.

Encontrada a final guarida
Do impulso inicial primeiro,
Atirada à beira do desfiladeiro
Qual andorinha ao verão arremetida.

Agora, já no frio do inverno

Pelos Santos Dedos afastada do inferno
Repousa no ninho tranquilo,
Do para Sempre Sempre Eterno.





A P R E S E N T A M O S O
P O E M A

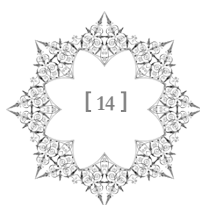
Saudades da minha Terra

Por Claudio de Jesus

Cláudio é gaúcho de Novo Hamburgo. Vive há 30 anos na Alemanha. Residiu em Munique, Heidelberg e Darmstadt. Mestrado em Literatura Alemã e Língua Portuguesa pela Universidade de Heidelberg. Professor de alemão em cursos de integração para refugiados, além de ministrar cursos de introdução à história, política e cultura alemã. Trabalha também como tradutor de inglês, alemão e português. Faz versões de filmes brasileiros para a língua alemã. Casado e sem filhos, gera por puro prazer poemas e contos.

Site: <https://literaturaepoesiadotcom.wordpress.com>

Hoje sonhei
Que tinha ido morar na Lua.
Não a Lua dos poetas,
Não a Lua das toadas,
Sempre cheia e iluminada,
Despertando amor febril.
Não.
Era uma terra habitada
Por casinhas e ruelas
Por nuvens e nevoeiros
Em sombras de eterno frio.
E sonhei que tu moravas
Numa casa ali comigo.
Mas o amor era pouco,
De tão pouco, não bastou
Pra esfriar esta saudade
De uma Terra ensolarada
Bola branca e azulada
Que pairava na distância
Entre um céu negro e hostil.





A P R E S E N T A M O S O
P O E M A

Fui pro ar, perdi o lugar

Por Claudio de Jesus

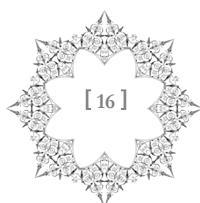
Cláudio é gaúcho de Novo Hamburgo. Vive há 30 anos na Alemanha. Residiu em Munique, Heidelberg e Darmstadt. Mestrado em Literatura Alemã e Língua Portuguesa pela Universidade de Heidelberg. Professor de alemão em cursos de integração para refugiados, além de ministrar cursos de introdução à história, política e cultura alemã. Trabalha também como tradutor de inglês, alemão e português. Faz versões de filmes brasileiros para a língua alemã. Casado e sem filhos, gera por puro prazer poemas e contos.
Site: <https://literaturaepoesiadotcom.wordpress.com>

Não gosto de me expandir
Sempre que me retorno
Está faltando um pedaço:
Vai ficando dia a dia
Largo o rasgo, grande o espaço
Onde não cabe mais nada
Que se ajeitar no escasso.

E, no entanto, não encontro
Das proporções a devida
Que costure em leves traços
Os retalhos de uma vida,

Quem conserte o estilhaço
E que me lamba a ferida,
Quem me contorne um abraço
E me devolva à medida.

Tudo aquilo que não toco
Vaga pra sempre perdido
Como um desejo moído
Pela pedra do cansaço.





A P R E S E N T A M O S O
P O E M A

Aviões

Por Claudio de Jesus

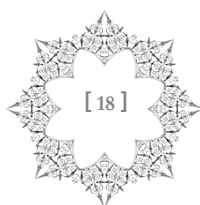
Cláudio é gaúcho de Novo Hamburgo. Vive há 30 anos na Alemanha. Residiu em Munique, Heidelberg e Darmstadt. Mestrado em Literatura Alemã e Língua Portuguesa pela Universidade de Heidelberg. Professor de alemão em cursos de integração para refugiados, além de ministrar cursos de introdução à história, política e cultura alemã. Trabalha também como tradutor de inglês, alemão e português. Faz versões de filmes brasileiros para a língua alemã. Casado e sem filhos, gera por puro prazer poemas e contos.
Site: <https://literaturaepoesiadotcom.wordpress.com>

Aprecio os aviões subindo
A se perder entre nuvens.
Os aprecio minúsculos
Pairando quase no azul.
Aprecio-os de ficar tonto
E sentir que voo ao chão.

Um avião traçou no céu
Longas linhas retas
Por onde Deus rabiscou
Uns textos breves e turvos.

Aviões são aves humanas
Que sempre insistem em pousar.
Embora eu saiba de pássaros que
Jamais cessam seu voo
Justamente
Por não terem
Mais pernas em que confiar.

Aprecio os aviões subindo
A se perder entre estrelas.
Os aprecio minúsculos
A se piscar no negrume.
Aprecio-os de ficar zonzos
E cair em sono fundo.



A stylized profile of a woman's head with voluminous, curly hair. A small white flower with a yellow center is tucked into her hair. The background is a solid light pink color.

A P R E S E N T A M O S O
P O E M A

O orgulho da família

Por Claudio de Jesus

Cláudio é gaúcho de Novo Hamburgo. Vive há 30 anos na Alemanha. Residiu em Munique, Heidelberg e Darmstadt. Mestrado em Literatura Alemã e Língua Portuguesa pela Universidade de Heidelberg. Professor de alemão em cursos de integração para refugiados, além de ministrar cursos de introdução à história, política e cultura alemã. Trabalha também como tradutor de inglês, alemão e português. Faz versões de filmes brasileiros para a língua alemã. Casado e sem filhos, gera por puro prazer poemas e contos.
Site: <https://literaturaepoesiadotcom.wordpress.com>

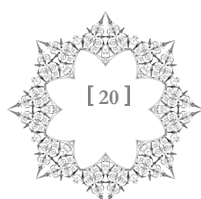
Meu pai fez milhões
filmando
a vida secreta
dos elfos
dos do ar e dos da terra
dos do fogo e dos do mar.

Minha irmã foi a primeira
a escalar
todas as sete
montanhas
da lua.

Meu irmão
gastou seus dias
estudando
provérbios gregos
extintos.

Minha mãe
a mais premiada
curou males
findou guerras
pondo o rosto
na janela
e semeando
sorrisos.

Agora eu
e quanto mim...
sou o único
que ainda guardo
a lembrança
disso tudo.





A P R E S E N T A M O S
P O E M A

Terezinha

Por Claudio de Jesus

Cláudio é gaúcho de Novo Hamburgo. Vive há 30 anos na Alemanha. Residiu em Munique, Heidelberg e Darmstadt. Mestrado em Literatura Alemã e Língua Portuguesa pela Universidade de Heidelberg. Professor de alemão em cursos de integração para refugiados, além de ministrar cursos de introdução à história, política e cultura alemã. Trabalha também como tradutor de inglês, alemão e português. Faz versões de filmes brasileiros para a língua alemã. Casado e sem filhos, gera por puro prazer poemas e contos. Site: <https://literaturaepoesiadotcom.wordpress.com>

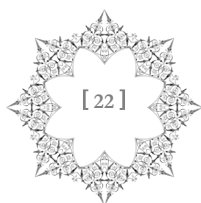
Mamãezinha quando bebe
Adormece pelo chão.
Papaizinho quando fuma
Sente dor no coração.

Meu amor quando entorpece
Só desboca palavrão.

E eu que sou tão miudinha
Do tamanho de um fogão
Carrego a mamãe pra cama
E o papai para o plantão.

O bolso furou
O dinheiro escapou
Você se azedou.
E o amor que tu me tinhas
Era pouco, muito pouco, de tão pouco
se acabou.

*Ai, na rua, nessa rua, tem um beco...
Lá quem manda e que desmanda é o Salvador.
Que ladrilha e maravilha a rua inteira
Con pedritas cristalinas, mui preciosas
Pra acalmar e acabar com toda a dor...*



A stylized profile of a woman's face with voluminous, curly hair, rendered in a dark, textured color against a light pink background. A small white flower with a yellow center is positioned near the woman's eye.

A P R E S E N T A M O S O
P O E M A

Lágrimas

Por Debora Guelmann

Débora Guelmann, natural de Curitiba - Paraná, é radicada no Rio de Janeiro desde a infância.

Graduada em Letras (Português-Francês) pela PUC-RJ e em Literatura Francesa pela École Suisse Prealpina.

É uma leitora ávida, com grande interesse por histórias de vida.

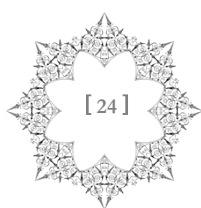
Atualmente, dedica-se à escrita, participando de coletâneas poéticas e trazendo em sua produção a essência de um olhar sensível sobre o mundo.

Nas lágrimas silentes,
jaz um refúgio, abrigo,
porto seguro, bendigo
das falas maldizentes.

Nas histórias tecidas,
em trilhas desvanecidas,
marcas do tempo, ó dor,
cada gota, pingo de amor.

No pranto que se expõe,
um arco anil se dispõe,
bordando pontos no céu,
fio a fio, estrelas ao léu.

A vida em sua cadência,
o destino, sua eminência,
carrega, no dia breve,
um sopro quase leve.



A stylized illustration of a woman's profile in shades of pink and red. She has voluminous, curly hair. A small white flower with a yellow center is positioned on her forehead. The background is a solid light pink color.

A P R E S E N T A M O S O
P O E M A

Laçadas de Superação

Por Ednéia Felisbino Amandio

Meu nome é Ednéia, tenho quase 43 anos e uma história marcada por desafios que me moldaram em quem sou hoje. Vivi batalhas contra a depressão, a ansiedade e as dificuldades financeiras, mas dessas experiências extraí força e orgulho pela minha jornada de superação.

Sou formada em Licenciatura em História e Ciências da Religião, e ser professora é a minha maior paixão. Além disso, sou mãe de dois filhos, que são minha maior motivação e orgulho. Encontro alegria nas coisas simples: criar peças de crochê, cuidar da terra e, acima de tudo, contemplar o sorriso de quem amo. Minha vida é um entrelaçar de resiliência, amor e a crença de que sempre há espaço para recomeçar.

No precipício da depressão eu cai
Dele não consigo sair
Sem paraquedas
Sem ninguém para impedir de cada vez mais fundo eu cair

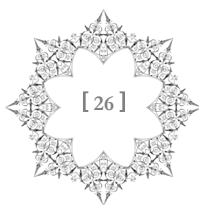
Essa dor é só minha
Silenciosa e Sozinha
Com sorriso sempre no rosto
Atrás dos óculos escondendo lágrimas sem fim

Respirar
Fechar os olhos e sentir
A única coisa que não me deixa desistir
Seu sorriso vai me impedir
Dessa vida partir

O amor deles é o fio fininho
Um abraço, um gesto de carinho
Da corda da minha vida
É o que me impede de cortar
Saltar e não voltar.

Acabar com a dor sem fim.
Buscar
Remédios para não ter sentimentos
Que façam parar esses pensamentos
Pílulas do amor, um anestésico para continuar a existir.

O crochê me salvou
Dos meus pensamentos ele me libertou
Em cada laçada o fio de esperança retornava
os nós da vida ele transformava
Na trama de uma nova jornada.



A stylized profile of a woman's head with voluminous, curly hair. A small white flower with a yellow center is positioned on her cheek. The background is a solid light blue color.

A P R E S E N T A M O S O
P O E M A

Távola dos Lírios Azuis

Por Isa Macedo

Isadora Macedo, nasceu em Itajaí, Santa Catarina, em 2006. Desde os 10 anos sempre foi apaixonada pela leitura e aos poucos seu encantamento pela escrita ganhou cor e muitas páginas manchadas de tinta. Para Isadora, escrever é mais que um desejo, é sua forma de existir.

Sentai-vos, almas, em redor do vazio,
Na tábola é feita de um tom sombrio.
São lírios azuis que nela florescem,
Carregam segredos que nunca perecem.

Um perfume etéreo, de dor e lamento,
Invade o espaço e o próprio momento.
Cada pétala, um pranto guardado,
Cada caule, um elo jamais apagado.

Os que se sentam, ao redor se unem,
Por mágoas antigas que ainda os consomem.
Em cada olhar, reflexos de ausências,
Em cada suspiro, as velhas pendências.

Os lírios imperam, com força estranha,
Quebram silêncios, desnudam entranhas.
E no azul das flores, encontram espelhos,
De almas partidas e seus escombros velhos.

O primeiro fala, com voz hesitante,
De um amor perdido, um adeus distante.
O segundo escuta, mas seus olhos choram,
Pois viveu o mesmo — dores se afluam.

Assim vão partindo suas dores caladas,
Nas pétalas frias, histórias lavradas.
Cada qual encontra nos lírios azuis,
Um véu que cobre as cicatrizes que os ruis.

No entanto, a tábola não busca cura,
Mas lembrar que a dor também é candura.

Que no sofrimento, há algo sublime,
Que une os corações, mesmo quando os reprime.

Pois os lírios não julgam, apenas revelam,
Os laços que o tempo e as mágoas desvelam.
E ao se reconectar com o que já se foi,
Os que ali sentam sentem que algo os constroi.

Não é paz que levam ao deixarem o lugar,
Mas a aceitação de que sofrer é amar.
E os lírios azuis, em sua melancolia,
Guardam os segredos da alma vazia.

Assim permanece a tábola eterna,
Flores azuis em uma dança interna.
Convidando aqueles que ousam sentar,
A reencontrar quem um dia ousaram amar.

Os lírios murmuram em tom espectral,
Como vozes de sombras num ritual.
E as almas que chegam, em lenta procissão,
Carregam segredos, mágoas, e contrição.

Ali não há tronos, nem reis ou glórias,
Só o peso cru de antigas histórias.
Cada cadeira um destino selado,
Cada rosto marcado por um fado guardado.

O primeiro a chegar, em luto profundo,
Traz nos olhos o vazio do mundo.
Ele fita os lírios com certa reverência,
Pois neles sente o eco da ausência.

“Perdi meu amor numa noite sem fim,
Os lírios a trazem de volta a mim.
Mas não posso tocá-la, só vê-la dançar,
Como uma sombra que o vento faz balançar.”

As flores o ouvem, o julgam em silêncio,
E exalam um aroma de suave tormento.
Naquele instante, ele não está só,
Pois o próximo chega, seu coração em pó.

Uma mulher, envolta em um véu,
Com passos pesados, como sob um céu cruel.
“Eu perdi um filho, o mais puro de nós,
Os lírios conhecem a dor dessa voz.”

Ela se senta e as pétalas vibram,
Memórias sombrias nas flores se inscrevem.
Ela vê o menino que nunca cresceu,
Correndo no campo que o tempo esqueceu.

O homem e a mulher trocam um olhar,
De reconhecimento, de almas a chorar.
E os lírios azuis, em sua frieza,
Os unem na dor que é também beleza.

Outros chegam, convocados pelo chamado,
Um jovem marcado por um sonho frustrado.
Uma velha anciã, de olhos fechados,
E uma menina, de passos descompassados.

O jovem fala, com voz hesitante,
“Eu perdi a coragem, o brilho constante.
Os lírios me trazem os dias dourados,

Quando eu era um farol para os desolados.”

A anciã canta uma melodia esquecida,
Seu timbre ecoa pelas vidas partidas.
“Os lírios são espelhos do que já fomos,
Guardam as canções que um dia entoamos.”

E a menina, tão jovem, tão pura,
Observa em silêncio a força obscura.
Mas seus olhos brilham, curiosos, atentos,
Enquanto os outros narram seus tormentos.

A tábola pulsa com energia imortal,
Um ciclo eterno, estranho e visceral.
Os lírios se abrem, mais vivos que nunca,
Como se o sofrimento fosse o que os fecunda.

“Por que estamos aqui?” o jovem pergunta,
“Por que a dor é a sombra que nos junta?”
A mulher responde, com voz embargada,
“Porque no sofrimento, há estrada.”

O homem completa, com olhos sombrios,
“A dor nos conecta, entre abismos e rios.
Os lírios não curam, não nos libertam,
Mas fazem as almas lembrar que se enxergam.”

As horas passam, mas ninguém as sente,
Na tábola dos lírios, o tempo é ausente.
Cada história contada é uma pétala caída,
Cada lágrima vertida, uma ferida esquecida.

E quando o último silêncio se impõe,

Os lírios murmuram o que depois compõe:

“Partam agora, mas levem consigo,
Que a dor partilhada não é mais castigo.”

Os que se levantam sentem o peso,
Das mágoas antigas que o coração reteve.
Mas algo mudou, no fundo das almas,
Pois os lírios os deram memórias mais calmas.

A clareira os vê partir, um a um,
Como sombras que caminham sob o azul comum.
E a tábua permanece, imóvel, calada,
Guardando as dores que nela foram lavradas.

Os lírios azuis, eternos vigias,
Guardam os mistérios das almas vazias.
Não há redenção, nem promessa ou destino,
Apenas o ciclo do humano e divino.

E assim segue a lenda, contada ao luar,
De uma tábua estranha, feita para lembrar,
Que no sofrimento há algo que nos une,
Uma flor azul, cuja dor nos resume.





A P R E S E N T A M O S O
P O E M A

Sexta-feira da Paixão

Por João Vitor Pelisari Ferreira

Nascido e criado em Jundiaí, na região metropolitana de São Paulo, João Vitor é um copo d'água autoconsciente, ainda que míope. Marcado por excessos e faltas que só existem em sua cabeça, é um indivíduo banal, um estudante virtuoso e alguém em potencial. Talvez fosse mais feliz se não buscasse equilibrar-se diariamente entre sonhos Rosianos e pesadelos de Kafkaescos, ambos os quais, sem sombra de dúvidas, têm que ler mais.

Sua visita me recorda dos dias de páscoa da minha infância-
um natal foral de época, banhado a chocolate com morangos-
da confecção daquele amor açucarado nos dias mais frios,
congelados por uma percepção nebulosa de redenção.

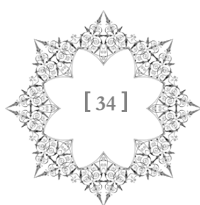
A noite caia em procissão,
silenciosa em sua elegância e graça,
contornando as curvas e morros
num choro cantado com os pés.

A faca quebrava o escuro cristal,
o seu derreter perfumado,
a água na boca.

A míope lembrança de um sacrifício eterno,
tão terno e distante.

A falsa esperança da volta.

Em casa, já tardiamente, a solidão e a esperança residiam quietinhos nos abraços de
mamãe.





A P R E S E N T A M O S O
P O E M A

Semblante

Por João Vitor Pelisari Ferreira

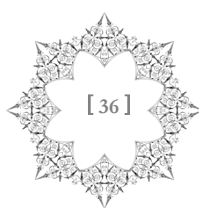
Nascido e criado em Jundiaí, na região metropolitana de São Paulo, João Vitor é um copo d'água autoconsciente, ainda que míope. Marcado por excessos e faltas que só existem em sua cabeça, é um indivíduo banal, um estudante virtuoso e alguém em potencial. Talvez fosse mais feliz se não buscasse equilibrar-se diariamente entre sonhos Rosianos e pesadelos de Kafkaescos, ambos os quais, sem sombra de dúvidas, têm que ler mais.

Peguei-me hoje pensando em algo,
Pois qual será o semblante do amor?
Capaz até que sorria bobo, folgado,
Sobre o objeto amado, do qual é pastor.

Talvez, quem sabe, seja mais bruto,
Carrancudo e difícil matuto,
Vil lacônico, senão com a amada.
Titubeante poeta da madrugada.

Tão ambíguo e tão exacerbado,
Diamante vital, multifacetado,
És a junção da razão com o errado.

Máscara da comédia e do drama,
Incêndio! Fogo, que a tudo inflama:
Pôs-me em chamas. Jogou-me na lama.





A P R E S E N T A M O S O
P O E M A

Saudade

Por Leandro Colbert

Sou carioca, tenho 36 anos, descobri o gosto de escrever muito por acaso ouvindo música e um belo dia veio a inspiração e escrevi alguns versos e vi que levava jeito, isso já tem 15 anos. Também gosto muito de desenhar e fotografar, amo a arte e desejo um dia trabalhar unicamente disso!

Saudade

Angústia infligida

Doença acometida

Tormenta enrijecida

Dói-me a longínqua lembrança

Sustenta-me com pujança

Castiga-me com destemperança

Dolorosa aliança

Magoa-me diariamente

Companheira confidente

Frente a frente

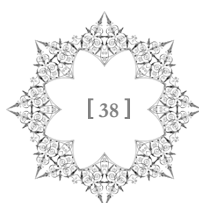
Sufrimento sussurrante

Que possa novamente ser tua sombra

Persiga-me e lembra

Que na loucura do meu eu

Inteira sou teu





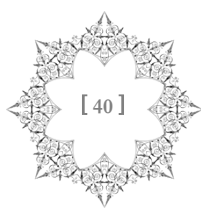
A P R E S E N T A M O S O
P O E M A

O homem das cavernas

Por Luiz Otávio D. Pinheiro

Carioca nascido e criado em Ipanema, engenheiro metalurgista com especialização em Business e em Rh, faixa preta de judô e ex-remador, Contrabaixista, tecladista e compositor com curso de harmonia e composição, fez curso de detetive particular por correspondência e de salva-vidas e foi aprovado em ambos. É pesquisador, professor e palestrante sobre The Beatles.

Às vezes fico pensando
Como seria ele, se coçando,
Ao sol do meio-dia, fazendo nada
Só curtindo estar com a namorada
Sem reuniões, compromissos e conflitos
Sem convenções, engarrafamentos e atritos
Apenas a caverna e expedições de caça
Dormir sem bolinha ou doses de cachaça
Acordar sem se ligar no celular
Não ter hora para se levantar
Comer sem medo de engordar
Não havia documentos em três vias,
Carteira de identidade, mensalidade e burocracia
(Não se estudava nada, nem inglês)
Mulheres? Podia experimentar umas quatro todo mês
Ele era forte, sem stress e sem fobia
(Nenhum sinal de calvice)
Não havia enfarte, não usava tênis e não curtia ecologia
(Vivia livre dessa chatice)
Não havia ganância, religião e pobreza
Era só ele, uma leve comichão e a natureza.





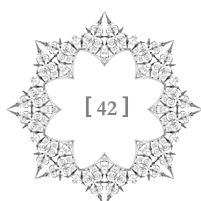
A P R E S E N T A M O S O
P O E M A

Lembranças

Por Luiz Otávio D. Pinheiro

Carioca nascido e criado em Ipanema, engenheiro metalurgista com especialização em Business e em Rh, faixa preta de judô e ex-remador, Contrabaixista, tecladista e compositor com curso de harmonia e composição, fez curso de detetive particular por correspondência e de salva-vidas e foi aprovado em ambos. É pesquisador, professor e palestrante sobre The Beatles.

Eu, pela vida maltratado, penso: Maria Clara deve ter casado. Já Inês, seu futuro é ignorado. Também não sei a quantas anda a honradez da Maria Fernanda. Dora, ora essa, não perdeu a linha, nem me flagrando com a prima da Selminha. Isso, anos já se vão, quando a Valéria, aborrecida, me deixou na mão. Ouvi dizer que a Sandra, nariz de bruxa, agora loura, está pensando que é a Xuxa. A Sônia, do peito erguido, deve ter morrido, não sei, sumiu e Suzana, a bacana, me encontrou, fingiu que não viu. De outras tantas me chegam remotas notícias, sejam de Carlotas, Alexandras ou de Letícias, como daquela eterna quarentona - ainda veste preto, igualzinho à Madonna. A cara de chacrete, a doidinha da Paulete, teve sorte igual a da Marli. Ainda andam por aqui e por ali. Cristiane nunca me quis, nem a Rejane, a Grandona e a Beatriz. De Maria Helena ficou um resto de pena, um caso sem solução, como a loura do metrô, a Turca e a Conceição. Pena também me dá a pobre da Alice. Muita plástica, massagem e ginástica não escondem a sua velhice. Enfim, lembrar de todas elas, inclusive da Gabriela, me dá uma certa alegria, ainda mais porque, ontem à noite, consegui me entender com a eterna Neide Maria.





A P R E S E N T A M O S O
P O E M A

Somos todos culpados

Por Sellma Luanny



Sellma Luanny são prenomes e pseudônimo da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria e participou em duas antologias – todos em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de antologias em e-books e em edições mensais da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

Está sendo mesmo aterrador...
observar as calamidades
que acontecem agora, com enorme frequência,
e suas horríveis consequências.

Tempestades fora de proporção,
ardente fogo o verde, "comendo",...
rios, mares e solos, envenenados...
onde animais até então, habitavam.

Tudo sem sinais de melhoria...
Nossas culpadas mãos, recolhidas.
Disfarçamos e a face recobrimos.
Tentamos do nosso ato, nos esconder.

Vivemos pulando por cima da sujeira.
Dormindo sobre alicerces selados
na podridão dos nossos esgotos.
E nos iludimos "sonhando" com um futuro "melhor".

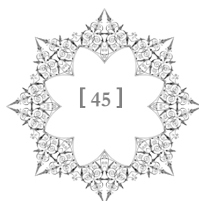
Esquecemos que redoma não há.
Ignoramos que a casa é uma só.
E o pomar deve a todas as bocas, fartar.
A mesma água a sede de todos, suprimir.

E se não for assim e porventura,
tentarmos dos nossos irmãos
terrestres, nos afastarmos...
que ilusão, que ignorância!

Estamos todos ligados,
somos todos de tudo, dependentes.

Um desequilíbrio aqui, repercute em leque,
e vida, após vida, acometerá.

Nestas mãos, o destino dos homens... e viventes.
Mas se do planeta não cuidarmos,
Tenebroso, sem escape será o futuro...
Um coletivo túmulo de todos.





A P R E S E N T A M O S O
P O E M A

Ao alcance da mão

Por Sellma Luanny

Sellma Luanny são prenomes e pseudônimo da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria e participou em duas antologias – todos em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de antologias em e-books e em edições mensais da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

Às vezes, vem-me aquela vontade
imensa, insistente, de fazer o que vi
e o que me alegrou ou cativou...
E a minha mente diz-me: " tu podes".

Começo então, a planejar a feitura...
Como poderei atingir esta meta?...
Se eu gosto e quero e é bom... posso!
E lanço-me à nova empreitada.

O que humanamente seja realizável,... é possível.
E passo a passo, as coordenadas, sigo.
Caio... levanto-me. Canso... recupero o fôlego.
E ao extremo do arco-íris, rumo para chegar...

Lá, por detrás... cheio de ouro, o pote.
Não o "vil metal", não! Da chegada, o deleite.
A conquista como recompensa final...
O ser capaz... da realização, a plenitude!



A stylized profile of a woman's head with voluminous, curly hair. A small white flower with a yellow center is tucked into her hair. The background is a solid light pink color.

A P R E S E N T A M O S O
P O E M A

Dimensões

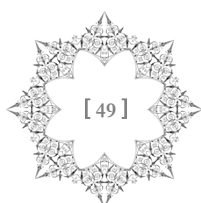
Por Sellma Luanny

Sellma Luanny são prenomes e pseudônimo da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria e participou em duas antologias – todos em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de antologias em e-books e em edições mensais da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

Há tanto que por essas curvas
entre o tudo e o nada, o claro e o escuro,
o "certo e o errado"... de adultos brincamos.
Quase sempre sem exceder a curva, o arco-íris.
Sem o fluir dos estímulos, absorver.

A fixação num ponto só!
Viver do mínimo, pensando em grande.
Como se uma concepção vulgar...
do "tudo ou nada", do "isso ou aquilo"...
configurasse vida.

E as surpresas atrás de cada esquina!
A candura nos sorrisos dos inocentes!...
Uma esplêndida sinfonia, a vida,
que sutil, nunca se mostra em completo.
Desbagoar o óbvio, faz-se necessário.
Apaziguar as ansiedades...
Enxergar da existência, as nuances.





A P R E S E N T A M O S O
P O E M A

Lama e preconceito

Por Sellma Luanny

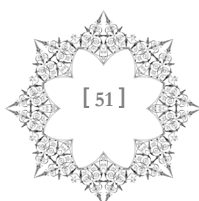


Sellma Luanny são prenomes e pseudônimo da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria e participou em duas antologias – todos em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de antologias em e-books e em edições mensais da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

Quando para o mundo, eu surgi,
devo ter para dentro de um pântano, resvalado.
Durante longo tempo não entendi,
pois da sua lama, parte da minha nutrição, saía.

Desenvolvi-me "vestindo branco e preto"
ouvindo canções com tons "azuis e rosas"
dormindo sobre fagulhas de "o pobre e o rico"
aprendendo com Moral e Cívica, "o certo e o errado".

E "santos, demônios, livros e cânticos"
a doutrinar-me ocuparam-se muito.
Não sei se consegui me salvar de todos...
Não sei se de tudo isso, escapei...
mas tentei... e tentando continuo.



A stylized graphic illustration of a woman's profile in shades of pink and red. Her hair is voluminous and curly, with a small white flower with a yellow center tucked behind her ear. The background is a solid light pink color.

A P R E S E N T A M O S O
P O E M A

Soneto da alvorada

Por Sérgio de Medeiros Rassele

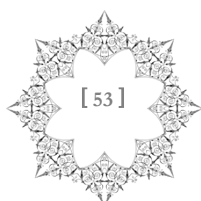
No princípio, nasceu em Fortaleza (CE) e ainda criança mudou-se para o Espírito Santo. Tendo sangue nordestino, nutriu-se da cultura capixaba na medida em que desenvolvia um espírito – mais tarde descobrira – essencialmente carioca. Atualmente, faz curso de Direito na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), aspirando, no entanto, à filosofia. Trata-se de um historiador da filosofia com falculdades poéticas, as quais surgem na expressão de Sérgio Rassele – um pseudônimo em ato e heterônimo em potência.

Fitei a ti, moça, e como sol vieste!
Amargurado da exaustiva vida,
Olhei de súbito a manhã que deste
E da tristeza fez-se dor vencida.

Fitei a ti, musa, e animação trouxeste
Àquela minha alma já tão perdida
Que contemplou beleza tão celeste
E do meu ser fez-se poesia erguida.

Do Corcovado te amarei, alvorada!
E acalentado lembrarei do amor:
Copacabana que já foi dourada...

Soneto faço-te com mui clamor
E do teu alvor uma gentil morada,
Fazendo sempre jus ao teu primor.





A P R E S E N T A M O S O
P O E M A

Amor em sonhos

Por Sérgio de Medeiros Rassele

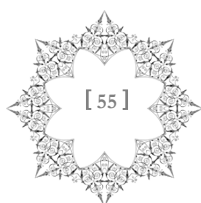
No princípio, nasceu em Fortaleza (CE) e ainda criança mudou-se para o Espírito Santo. Tendo sangue nordestino, nutriu-se da cultura capixaba na medida em que desenvolvia um espírito – mais tarde descobrira – essencialmente carioca. Atualmente, faz curso de Direito na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), aspirando, no entanto, à filosofia. Trata-se de um historiador da filosofia com falculdades poéticas, as quais surgem na expressão de Sérgio Rassele – um pseudônimo em ato e heterônimo em potência.

Tua distância, amada, é ilusória
Pois que te encontro aqui comigo
E teus claros cabelos no meu peito
São a lírica que jamais imaginaria.

Fala-me de amor e logo respondo
Poesia! Assim te vejo e venero
Pois que meu ser se eleva quando
Teus lábios sinto e mais te quero!

Quero-te! Quero-te como um bicho
Atordado e carente de teu beijo
Vivendo tão apenas no teu nicho
E nutrido de um carinho sem defeito.

Oh, musa! Equilíbrio do meu cosmos
Destino inquieto das minhas ações...
Sinto que morro sem eufemismos
Quando me entrego às suas paixões.



CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO

SELO CONEXÃO LITERATURA



TENHA ACESSO AOS TÍTULOS
DA COLEÇÃO: **CLIQUE AQUI**

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOGRAMATICA
SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
INSCREVA-SE: WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD
E-MAIL: ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: **CLIQUE AQUI**